

# 9 JANELAS PARALELAS & OUTROS INCÔMODOS



# 9 JANELAS PARALELAS & OUTROS INCÔMODOS

GERUZA ZELNYS



Copyright © Dobradura Editorial e Fábrica de cânones, 2016  
9 janelas paralelas & outros incômodos © Geruza Zelnys, 2016

**dobradura**  
EDITORIAL

EDITOR

Reynaldo Damazio

DIAGRAMAÇÃO


Regina Kashihara

CAPA

Daniel Geraldi

REVISÃO

Luciana Mei e Larissa Sparavieri

 **Fábrica**  
de cânones

EDITOR

Eduardo Guimarães

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP

Z51n Zelnys, Geruza

9 janelas paralelas & outros incômodos / Geruza Zelnys – São Paulo :  
Dobradura Editorial, 2016.

104 p. 14x21cm.

ISBN 978-85-8282-050-6

1. Ficção brasileira 2. Contos I. Título

CDD B869.3

---

Índice para catálogo sistemático

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

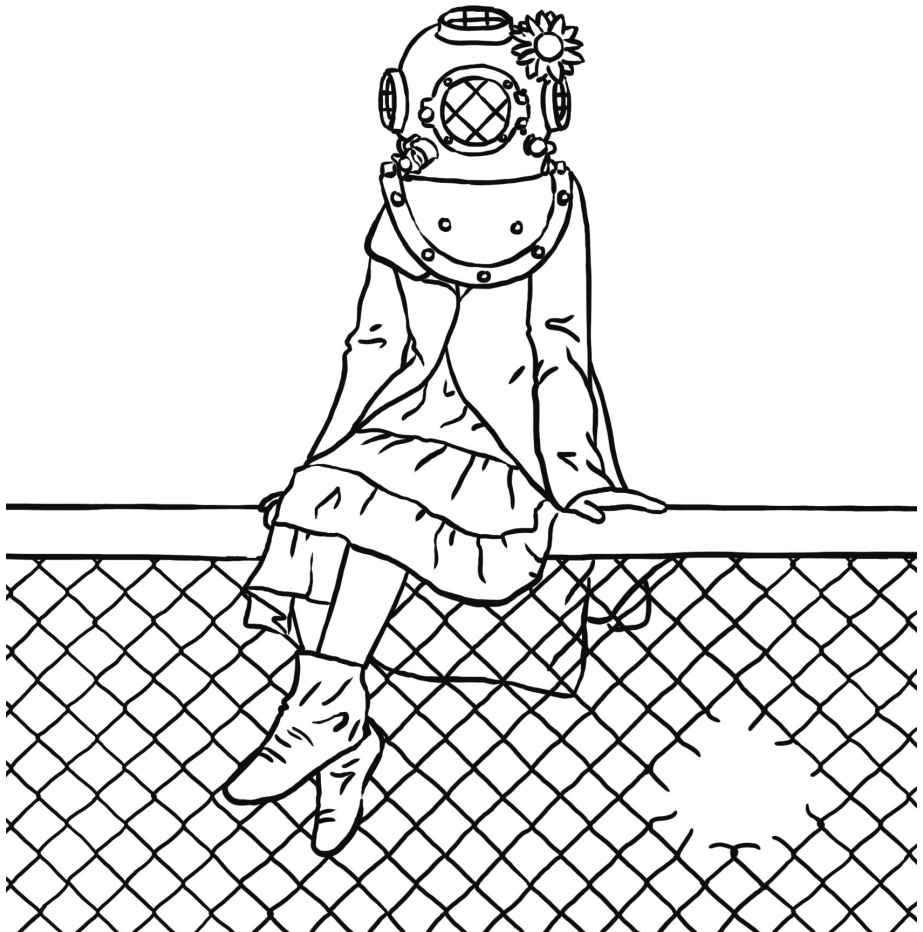
Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

PARA MEUS SUICIDAS

E PARA O FER BORGES, O PRIMEIRO LEITOR DESSES TEXTOS



ELA NA JANELA  
SENTADA  
AS PERNAS BEM ABERTAS:

LÁ DENTRO  
O CÉU





## A HISTÓRIA DE MARTINA

quando eu era uma xícara ele me encheu tanto que quebrou minha asa. aí me colocou na gaiola e pendurou na janela. o dia corria pra lá e pra cá enquanto a boca da noite não me engolia. vivia sonhando café quente passado na hora e ele lá contando al-piste. demorou mas um dia no espelho olhei bem pra essa minha cara de porcelana rara e saquei que já era tarde demais pra pular. voar também não dava. então fui andando mesmo. sem pressa. equilibrada em cima dos saltos. alta. e ele apequenado teve de calar o bico e sem dar um pio começar a juntar os próprios cacos. não voltei pra ver se conseguiu. fui tomar um expresso.

## A DANÇARINA

não dançava, era a própria dança. pelo menos foi isso que ouvi certa vez: “ela é uma coisa toda assim... dançante”. e era verdade porque quem a via mover-se diria que algo a embalava: os pés pareciam deslizar sobre o assoalho, as mãos sempre a reger uma orquestra invisível e os quadris desenhavam curvas no espaço. os mais íntimos, os que a olhavam nos olhos, viam algo como uma vertigem acompanhando a música muda que constantemente mastigava. mas ninguém a via depois do trabalho. sabiam que fazia aulas de dança todos os dias, que dançava aos finais de semana em disputadas apresentações e que quem visitava sua cama enlouquecia com seus movimentos. como eu, que fui estendendo a noite em noites e pude acompanhar uma rotina cheia de graça e leveza.

quando entrei em sua vida, ela já havia arrancado aquelas paredes e feito do apartamento um palco gigante iluminado por enormes janelas. não raro esquecia-se da minha presença e cumpria um ritual sagrado: afastava todos os móveis, espremendo-os junto às paredes que restavam e, nua, sob a luz da lua apenas dançava por horas e horas e horas... no começo aquilo me deliciava, mas depois, sem maturidade e com ciúmes desse amor maior que o meu, afastei-me, deixando-a só com sua dança.

mais tarde, soube dos pés doentes. inchados e doloridos. contaram-me sobre as muletas. confesso o desprezível contentamento que senti. não podia compreender uma mulher que se bastasse, uma mulher cujo objeto de amor era algo que vinha de si mesma. amava-a e odiava-a, por isso. doía-me sua dor, mas doía-me mais ainda a minha por não ter aquela sua dança para mim. cheguei a pensar que, agora que não era capaz, eu poderia dançar para ela. conhecia os passos, meu corpo era tão leve e simétrico como o seu. também conhecia os movimentos, que me

ensinara rindo da minha dedicação carente de elogios. eu dançaria para ela. dançaria por ela. como ela nunca fizera por mim ou para mim. porque dançava-se, como foz e fonte do seu prazer.

não lhe contei meus planos de fazê-la feliz, nem a visitei quando parou de aparecer no trabalho. nossas amigas diziam que nos olhos ainda a vertigem, mas os pés cada vez mais debilitados, extremamente inchados, prestes a explodir. recebia sentada, numa dança de mãos e braços e tronco apenas. dizem que até os cabelos balançavam com o vento que vinha da janela. mas eu, idiota, nunca que.

e, por nunca mais, é que fiquei sabendo do ocorrido apenas no dia seguinte, no trabalho. naquela noite, a dor aumentara e, junto com ela, uma coceira muito forte que tentou amenizar com pomada e analgésicos. depois um filete de sangue e a carne perfurada. toda a noite para que aquelas quatro asas pequenas, do tamanho de um palmo, rasgassem as laterais dos tornozelos. eram brancas e de uma penugem reluzente, pelo menos foi o que ouvi. disseram que nenhuma dor depois de completado o processo e que os pés, delicados e desinchados, agora levitavam numa dança ainda mais harmoniosa. eu nunca mais a vi porque, nesta noite, totalmente realizada, subiu no parapeito da janela e, mais linda do que nunca, se entregou àquela dança alada. nua, toda vertigem, só a lua iluminava a dançarina.

nunca compreendi esse amor maior do que o meu. nunca compreendi a dançarina. também não encontrei outra mulher assim, nem neste espaço onde danço todos os dias, mesmo sem saber dançar.

# VERDE

ele roubou uma planta.

eu poderia começar dizendo que ele comprou uma planta. mas seria mentira. como quase tudo de verdade é. então ele pode até ter comprado a planta mas

toda planta é sempre roubada. roubada à natureza. à sua natureza. portanto ele roubou

a planta. do tipo planta verde com raízes. planta como outra planta qualquer. porém sendo ela. como se a

planta e não uma planta a que ele roubou por vinte ou vinte e cinco

dinheiros. mas não era esse o caso. o caso era de amor. amor à natureza. e fé que a planta restituísse a ele sua natureza primordial. natureza verde primordial. mas a planta é só

planta. sem nome. então

a ela ele batizou-a Verde. verde agora era o nome dela.

e estiveram juntos. e conviveram em amor. não só em amor mas também em tudo o mais que acompanha a convivência. convivenciaram suas naturezas. a dela

lembre-se, apartada. mas dele a dela somada. juntos, quase colados. de tão perto que quase

nem se veem. os dias dividem-se em manhã tarde e noite. depois sucessiva é a divisão. então

um dia. um dia é sempre o resultado de muitos outros. anônimos para que o tal seja o dia em que verde

deixou de ser. não totalmente mas esvaída do verde mais grosso que é

o verde ele mesmo. mas eu não poderia dizer se isso significa pior ou melhor afinal só posso olhar pelos olhos dele. ou dela.

os dele não a veem. os dela não

se veem. sem ver. então só posso dizer que estava transformada.  
verde não mais mas

Verde

a ela ele ainda chama. e no chamado verde  
ela já não mais se reconhece.

então que tadinhos os dois perambulam pela casa órfãos  
de chamado

e de encontro

mas como era da sua natureza móvel ele continuou traçando  
seu caminho entre manhã tarde e noite e depois sucessivamente  
na mesma ordem chamando verde e verde não o sendo respon-  
dia pra não atrapalhar o trânsito das coisas porque era um pou-  
co de sua natureza, roubada lembre-se, a estaticidade

então ela parou

ali no meio da sala

onde ele deu de cara com ela

chegou a parar e quase reparar mas aí ele disse oi verde e ela  
respondeu oi ou não respondeu não lembro e ele desviou dela

depois disso ela ficou plantada ali mais uns anos até que

totalmente irreconhecível ela puxou com todas as forças  
suas raízes firmemente fixadas entre os vãos do assoalho e  
despindo-se de terra arrastou-se até o sofá amarelo e inflando  
o peito de ar, quase como se num desejo desesperado de fotossín-  
tese, mas não porque ela havia muito que se esquecera, impul-  
sionou-se trepando pela parede até alcançar a janela e

deixou-se cair

na calçada. espatifada a planta sob os olhos dele que agora  
atravessava a tarde para entrar na noite. ele parou e ficou obser-  
vando-a por muito tempo junto aos outros que cochichavam ao  
redor. mas ele era só

mais um olhar analisando uma planta diferente. reparou em  
cada detalhe mas não a reconheceu. ela não era

verde então entrou no prédio depois no elevador e subiu até  
o nono andar  
e chamou  
verde.

mas as luzes estavam apagadas e não se viam  
cores na casa

## CREDO

não que fosse religiosa, na verdade do catecismo só lhe restou o credo, que decorou sem esforço, talvez porque nunca houvesse prestado atenção ao sentido das palavras. importava-lhe apenas a carnadura, o revestimento, a materialidade, aquilo que, na palavra, se pode embeber na saliva. mas, mesmo não tendo religião e só conhecendo — devo frisar — a carne do credo, acreditava que toda espera tem algo de messiânico: não se sabe muito bem o que vem, nem como e quando vem, sabe-se apenas que virá e que é o esperado...

acho que é por isso que semana após semana, ritualisticamente, encontro-a aqui assim fazendo as unhas: pernas retorcidas no sofá — como um polvo olhando apreensivo seus tentáculos — depois a caixa de esmaltes, acetona, algodão, alicate, lixa e infinitos dedos. são ao todo sete vidrinhos de tinta que, assim encaadeados, compõem a escala de variação de tons de um mesmo pigmento. porque o vermelho era a sua cor e estava certa de que só encontraria o destino com unhas pintadas de vermelho. então que se lê nos rótulos: vermelho-carne; vermelho-comunhão, vermelho-remissão, vermelho-ressurreição, vermelho-poderoso, vermelho-eterno e, um vermelho último, no qual só se distingue entre as letras apagadas algo como verme que, apesar de não guardar sentido, faz deduzir todo o resto.

hoje, no entanto, alguma coisa mudou porque parece indecisa balançando o alicate entre os dedos, olhando as longas unhas ainda. imagino que essa indecisão seja fruto da noite anterior, essa noite que ronda seus pensamentos e sequestra seu olhar para algum lugar bem no fundo da janela. e eu não sei o que se passou afinal, mas tento divisar um pouco dessas lembranças que não são minhas, mas poderiam ser... talvez então que chovia e ela queimava; talvez que plantava palavras na aridez; talvez

que umedecia sua língua com poesia; talvez que entoava de novo o credo... não sei, pois para saber deveria ouvi-la e ela, agora, não tem nada a dizer...

e como sabê-lo se dele só tenho a chuva de hoje? uma chuva sem rosto. na verdade, uma chuva sem chuva... não tenho como saber se, por exemplo, ele disse “porque tem medo” ou perguntou “por que tem medo?” enquanto tocava suas unhas. nem mesmo saber se ela de fato respondeu ou apenas pensou “porque me sei” (e isso é óbvio porque uma mulher que se sabe só pode temer). não sei de nada, apenas que trabalhava unhas porque aprendera com as rosas seus espinhos.

e agora vejo que, enquanto me prendo à hipóteses improváveis, todo esse vermelho que tinge de vermelho a almofada vermelha não vem do pincel, vem do alicate; nem do vidro de esmalte, vem da carne viva daquele dedo cuja unha está sendo, neste instante, arrancada a golpes contínuos da lâmina afiada. e eu, atônita, não posso supor nada a não ser crer na ressurreição da carne e deixar morrer perguntas de primeira ordem como: porque, entre tantos, tenha sido este o escolhido para a mutilação? porque, mesmo crendo, me incomoda que seja justamente este o dedo que exhibe, na ausência da unha, a carne dilacerada, o buraco sangrento ao qual ela encosta os lábios e pronuncia baixinho uma palavra que, infelizmente, não consigo ouvir.